

LITERATURA INFANTO-JUVENIL: CRIATIVIDADE E AUTORES

Everaldo Moreira Veras

Intervenientes: CELSO PEREIRA (PB), IVETE WALTY (MG), HELENA CAMPOS (MG), MÁRCIA RABELO (PB), ANTÔNIO ARCELA (PB), NONATO BATISTA (PB), JUCA PONTES (PB), EVERARDO M. VERAS (PE)

Presidência: TEN. CEL. PAULO DE MEDEIROS FERREIRA (PB)

Meus amigos e meus irmãos maiores,

A MINHA FALA é curta, mas, para mim, é melhor ser ouvido durante apenas 10 minutos do que não ser ouvido nunca.

De início, manifesto meu desamor pelo termo "LITERATURA INFANTIL", o tema principal deste encontro, hoje, no chão de Campina Grande (que é grande até no nome).

Aceito o rótulo, mas preferiria que, no seu lugar, empregássemos "LITERATURA PARA CRIANÇA". Sim, porque o que se escreve como sendo endereçado aos pequenos de tal ou qual faixa etária, visaria antes qualquer pessoa, ou melhor, a CRIANÇA que existe no interior do indivíduo. No escondido de cada um — lá está a criança que ele é, que foi ou que gostaria de ser.

Isso depende da idade, pode acontecer dos 8 aos 80 anos: é uma questão de sentimento e coração.

Contar histórias para os garotos é ofício antigo. Modernamente, data do século 17, se bem que, desde o começo, ao longo dos tempos, os adultos se preocuparam com a juventude, para lhes ensinar o sentimento de mundo e transmitir experiência e vida.

É indiscutível, há um consenso de que a LITERATURA INFANTIL representa a única saída para a formação de nova mentalidade do cidadão de amanhã no menino de hoje. Entre os diversos gêneros de literatura, de modo geral, a infantil é a mais importante e significativa.

Mas vem logo a dúvida: QUAL A LITERATURA INFANTIL IDEAL?

Há opiniões variadas sobre a questão, a mensagem mais bem recebida pelas crianças seria a REALISTA, seria a FANTASISTA.

Eu, pessoalmente, estou firmado: é a REALISTA. Os meninos de então já vivem fartos de estórias fora de época, fadinhas, duendes, príncipes, bruxas, porquinhos, chepeuzinhos vermelhos e outros que tais.

Por outro lado, não podemos nem devemos ser radicais, porque a juventude, toda ela, admite e quer também a POESIA. Parece um paradoxo, mas não é. É pura verdade.

Fiquemos certos, é falsa a imposição de que a juventude detesta a poesia ou sua irmã gêmea, a prosa poemática. Se o argumento prevalescesse, a música popular não teria o estrondoso sucesso que tem. Por quê? Não são as canções nada menos do que poemas apresentados numa forma nova, musicados? No entanto, a realidade está aí, a receptividade da música popular brasileira é total e esmagadora.

A explicação é que a poesia reclamada pela juventude tem de ser autêntica, vibrante, atual, cheia de suor e vida. Não resta mais nenhum espaço para aquilo que se fazia no passado, os poemas rançosos, asmáticos e andróginos, de poetas superados, suprimidos e sufocados.

Hoje, não. A juventude não pensa mais assim. Insiste em participar, lado a lado da sociedade, exige o entender das coisas, quer lendo estórias quer vivendo no mundo. Enganá-la é simplesmente desumano e covarde e perigoso.

Alimento eu intuição de que foi por nossa inteira culpa que durante tantos anos não tivemos, no Brasil, LITERATURA INFANTIL nacional e independente. O de que dispúnhamos vinha do estrangeiro, contos dos IRMÃOS GRIMM, HANS CHRISTIAN ANDERSON, CHARLES PERRAUT, FENELON, LA FONTAINE, etc. Tudo porque recebíamos, pacíficos e ordeiros, uma estrutura que não nos pertencia, pelo contrário, quedava-se distante da nossa casa brasileira.

MAS ACONTECEU que, um dia, no Brasil apareceu **JOSÉ BENTO MARCONDES MONTEIRO LOBATO**.

Nascido em Taubaté (SP), em 1882, faleceu em 1948, ou-seja, já faz 34 anos, no entanto, parece que foi ontem.

Ele determinou na LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA um marco. Pode-se dizer: ANTES E DEPOIS DE MONTEIRO LOBATO.

Sua obra é vasta, agora o mundo que criou mesmo foi na LITERATURA INFANTIL, tudo começou com "A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO", em 1921, Lobato contava 39 anos de idade. Começou tarde, ele próprio dizia: "PERDI MUITO TEMPO COM AS PESSOAS GRANDES". Depois vieram mais 14 títulos infantis, além de adaptações e traduções. Produziu assustadoramente.

Morreu O MESTRE, ficou, além da sua obra vigorosa, o caminho que ele abriu, hoje seguido pelos demais.

Nova que é a LITERATURA INFANTIL, no Brasil, conta tão-só 60 anos, não há muitos escritores, tanto que a Professora NELLY NOVAIS

COELHO relaciona no seu "DICIONÁRIO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA" somente 150 autores.

Pode ser pouco, mas para nós, que antes de LOBATO não contávamos com quase ninguém, é muito, é expressivo. Já é prova suficiente de que nosso espírito desperta para salvar a criança do abismo, da incompetência, da desgraça que é a subcultura, antes que seja tarde demais.

Novos escritores surgem, cada um no seu tempo e espaço, dando o recado no seu jeito, no seu estilo próprio, na sua forma inovadora.

Agora, não mais estamos sozinhos, somos um elenco maravilhoso de 150, quando antes éramos apenas um. Isso representa progresso, avanço, independência e a certeza de que nem tudo está perdido, ainda há uma esperança que brilha distante, aos pouquinhos. A liberdade é uma conquista de cada dia.

Acredito na força da LITERATURA INFANTIL, sou entusiasmado por ela. Tenho mil razões para isso, neste instante basta citar apenas uma só: ELA É SIMPLES.

E ARISTÓTELES ensina: O QUE É SIMPLES, É ETERNO.

EVERALDO MOREIRA VERAS

Nascido em Parnaíba – PI

Cedo, veio ao Nordeste. Parou em Olinda, onde mora há 20 anos

Pertence à Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil – SP e à Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro (PE).

PUBLICOU

- “O Menino dos Óculos de Aro de Metal” – 1977
- “Fissuras” – (poemas) – 1978
- “A Hora Anterior” (novela) – 1979
- “Os Olhos do Túnel” (novela) – 1975 e muitos outros

OBTEVE OS PRÊMIOS

AABB – ARISTOPHANES PEREIRA, 1976, com o conto “A ÁRVORE”, julgado pela Academia Pernambucana de Letras. Recife-PE.

JOSÉ CONDÉ, MENÇÃO HONROSA, 1977, com o livro “O MENINO DOS ÓCULOS DO ARO DE METAL”, Secretária de Educação e Cultura de Pernambuco. Recife-PE.

OTHON BEZERRA DE MELO, 1977, com o livro “O MENINO DOS ÓCULOS DO ARO DE METAL”, Academia Pernambucana de Letras. Recife-PE.

PRÊMIO LITERÁRIO NACIONAL, 1978, com a novela inédita "A HORA INTERIOR", Instituto Nacional do Livro, MEC. Brasília-DF.
CONTOS ERUDITOS, 1979, da Revista "CONTOS ERÓTICOS" n.º 10, com o conto "A NOITE É CIRCULAR", março/1979. Curitiba-PR.
1.º CONCURSO NACIONAL DE LITERATURA, PRÊMIO "OSMAN LINS" Federação Nacional de Associações Atléticas Banco do Brasil – FENAB, Outubro/1979, com o conto "PIÃO NA UNHA" – Brasília-DF.
JOSÉ LINS DO REGO, Menção Honrosa, 1980, com o romance MARIA DE ESPERANÇA, Livraria José Olympio Editora (apoio do Banco do Brasil S.A.) Rio de Janeiro–RJ.
CONCURSO NACIONAL DE POESIA, prêmio "JORGE DE LIMA" 1981, "MENÇÃO HONROSA", com o livro inédito "CAMAS SEPARADAS". Universidade Federal de Alagoas – Maceió-AL.

LITERATURA INFANTIL: RISCOS E PERSPECTIVAS

Ivete Lara Camargos Walty

É lugar comum acentuar a importância da fantasia na vida da criança. Em sua visão de mundo a criança funde fantasia e realidade, sem distinguir a vida da arte. Seu dia-a-dia é poético, é mágico na medida em que, o adulto o deixa ser assim. A personagem Nhinhinha do conto "A menina de lá" de Guimarães Rosa, encarna a criança pura, não contaminada pelo Sistema, capaz de ver poesia até no ato de comer arroz e feijão. Aliás, a personagem infantil de Guimarães Rosa é metonímia desse ser que não se deixa dominar pelo princípio da realidade, mas conjuga-o com o princípio do prazer, como o exemplificam Miguilim e Dito. A linguagem dessas personagens não distingue arte e realidade é através dela, das estórias que eles criam que fica "tudo com um viver limpo, novo, de consolo".

Com a ajuda de suas personagens infantis, Guimarães Rosa instaura o não-senso e propõe novas formas de pensamento. Se observarmos a linguagem de nossas crianças, veremos, pelo menos enquanto bem pequeninas, que o não-senso, a magia estão aí presentes, bem vivos e não são próprios apenas das criações literárias.

A partir de tais considerações, faz-se necessário refletir sobre o papel da literatura infantil no desenvolvimento ou na castração de tais características infantis. Não se trata aqui de discutir se é melhor o conto de fadas ou a estória realista, mas de pensar sobre o lugar do poético na vida e literatura infantil.

A primeira pergunta a se fazer é se o poético, o mágico são alienantes. Ora, alienante é aquilo que não leva à reflexão, à formulação de novas perguntas, à busca de novas possibilidades, de novos caminhos. A criança sempre faz perguntas até o dia em que começa a ter respostas e a reproduzi-las como verdades. Aí vence o princípio da realidade, a mais repressão e o poético é abolido de sua vida tomando lugar apenas nos livros. Em que contribui a literatura infantil para tal estado de coisas? A fantasia é tão usada desde os contos de fadas, até a revista em quadrinhos ou desenhos animados e é aí que se encontra o ponto nodal do problema. As narrativas usam a fantasia, provocam a adesão do público infantil e matam gradativamente a criança que há em cada um de nós. Desde as lutas entre Peter-pan

e o Capitão Gancho, entre o Gato de botas e o ogro até o combate eletrônico entre os super-amigos e os inimigos da lei, verdades são estabelecidas, respostas são dadas e não se abrem novas possibilidades de perguntas. Vencem as idéias de rivalidade, de competição, de ascensão social através da acumulação de riqueza, da vitória do bem sobre o mal, da justiça das leis etc. E paradoxalmente a fantasia mata o mágico, instaura o senso-comum, o bom-senso.

É evidente que tal responsabilidade não é apenas da literatura infantil, é de cada um de nós que, perdendo o que tínhamos de criança, temos pressa em sufocar em nossos filhos e alunos seu potencial infantil, e sempre achamos que eles devem aprender aquilo que nós ensinamos. O adulto detém o poder sobre a criança ou sob a forma de autoridade constituída: os pais, os professores, ou sob a forma daquele que tem o "dom" de divertir, como os criadores do texto infantil. Em nome do conhecimento, da proteção ou do lazer faz-se sentir essa dominação, sem a mínima opção de saída. A criança cresce, outras são as formas de poder e, então, tranquilamente, ela se insere no Sistema. Seu comportamento foi moldado com a ajuda do lobo mau, da bruxa, dos gigantes, do cientista maluco que geraram o medo e, conseqüentemente, a culpa por não ser o menino bonzinho ou por discordar do castigo imposto pela mãe à menina desobediente. Medo e culpa acentuados a cada dia em nossa sociedade. Essa sociedade que cultua o sacrifício, a dor, a renúncia, no lugar de cultivar o amor, a alegria, a liberdade. Essa sociedade que separa trabalho e lazer, que impõe o princípio do desempenho e da mais repressão. Sociedade onde não se opera uma dialética criança/adulto, assim como tal dialética não se concretiza entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, e, o mais interessante, usa-se a necessidade de prazer, de fantasia para se impor a repressão, a verdade oficial.

Marcuse afirma, retomando Freud, que, sob o princípio da realidade, o homem desenvolve a função da razão, adquire as faculdades de atenção, memória e discernimento e que apenas um modo de atividade mental não se subordina ao princípio da realidade, é a fantasia, que está "protegida das alterações culturais e mantém-se vinculada ao princípio do prazer".

Ora, a fantasia liga-se ao princípio do prazer mas pode servir ao princípio da realidade. E é isso o que ocorre com a literatura infantil em relação à necessidade de fantasia da criança. A nossa sociedade separa jogo e atividade útil, trabalho e lazer. O homem é formado para produzir e faz-se necessário conduzir sua sensibilidade para o trabalho, assim sendo até o seu lazer é controlado. É, por isso, que a criança, voltada para o lúdico, para o lazer, recebe uma grande carga de repressão através daquilo que busca como meio de libertação. Sob o princípio do prazer inculca-se melhor o princípio da realidade.

A sociedade teme o diferente, conseqüentemente, quer ver reprodu-

zidos seus valores e sendo a criança uma ameaça, é preciso aproveitar sua dependência para situá-la no "mesmo". Para isso vários meios são usados, na família, na escola, no lazer. As revistas infantis, os desenhos animados, os "enlatados", os manuais de leitura etc.

Não se trata de condenar os quadrinhos, a televisão, os livros de histórias ou de proibi-los às nossas crianças. Na impossibilidade de se selecionar para eles produções que, antes de tudo, respeitem-nos enquanto leitores e pessoas pode-se prepará-los enquanto público-leitor ou telespectador, desenvolvendo sua capacidade crítica, seu potencial de reflexão e questionamento. Isso não é tão difícil como parece, é só lembrar que a criança é por natureza criativa e curiosa. O leitor é agente e não paciente. A criança quer participar do processo de seu desenvolvimento e da evolução do mundo em que vive. A criança quer fazer. É preciso não se preocupar com a transitividade do verbo fazer e deixá-lo em aberto, como o faz Nhinhinha de Guimarães Rosa, pois o verbo fazer se liga a Poeisis, a poética, a poeta. Voltamos, pois, à proposta inicial: a literatura infantil deve concretizar o poético, o fazer, a possibilidade de criação. Não há porque abolir as contradições através das soluções mágicas ou de respostas condutoras fornecidas pelo adulto, há que se deixar o espaço aberto para novas perguntas.

O que a literatura infantil pode fazer, e há quem o faça, é manter viva a interação prazer/realidade, lazer/trabalho, criança/adulto, natureza/homem, é apenas deixar viva a criança, é não arrasar a poesia da vida, limitando-a à superfície dos livros.

A responsabilidade de quem escreve para crianças é tanto maior quanto se sabe do crime de matar a fantasia em nome da fantasia, de matar o poético em nome do poético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOTA: Os conceitos teóricos aqui utilizados são basicamente, retirados de Marcuse e Norman Brown, retomando a teoria freudiana do princípio do prazer e princípio da realidade.

BROWN, Norma. *Vida Contra Morte* — Petrópolis, Vozes, 1972.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização* — uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio, Zahar, 1981.

IVETE LARA CAMARGOS WALTY

Nasceu em Esmeraldas, Minas Gerais

Graduada em Letras pela UFMG. Mestra em Literatura Brasileira pela UFMG, com a tese *Implicações Sociais do Picaresco em Memórias de Um Sargento de Milícias*

Professora de Literatura Brasileira e Colaboradora de Teoria da Literatura da UFMG

Foi Professora de todas as Séries do 1.º e 2.º graus

CONFERÊNCIAS E PALESTRAS PROFERIDAS

Palestras sobre Comunicação

O Romance Picaresco – I Módulo do Ciclo de Estudos Comparados de Literatura Portuguesa Brasileira

O Absurdo em Guimarães Rosa

Sete – Estrela: A Libertação através da arte

TRABALHOS PUBLICADOS

Macunaíma: Herói Cômico? (1978)

O Pensamento Lógico Mágico em A Menina de lá, (1979)

O Estudo da Ambiguidade em quatro contos de Guimarães Rosa (1979)

A Grande Fala do Índio Guarani, um metapoema (1979)

Boneco. Uma metáfora do poder. Ensaios de Semiótica

A Narrativa: Um caminho a percorrer ou a construir – Análise do Conto “Alfredo” de Murilo Rubião

A Representação em um soneto de Camões

Literatura Portuguesa Contemporânea: Novas Perspectivas

O Pícaro: Um títere do retábulo social. Ensaios de Semiótica

O Piolho viajante – Literatura picaresca

METODOLOGIA DE ENSINO DENTRO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Márcia Silveira Rabelo

Método é o instrumento que utilizamos para melhor conhecermos o objeto de estudo. No nosso caso, o objeto literário.

Ter método no trabalho que se realiza, não significa ter rigor, não significa usar de autoridade, mas sim, ter um trabalho organizado.

Para isso necessitamos assumir uma postura crítica, bem como utilizarmos uma metodologia, a fim de conseguirmos um melhor desempenho, bem como uma melhor forma de trabalho.

O que observamos hoje, nessa Era Tecnológica, cada dia mais avançada, com meios de comunicação os mais sofisticados, e que uma grande maioria dos jovens, já não aceita mais a literatura chamada água com açúcar por a considerarem obsoleta e sem atrativos.

Obras literárias puramente instrutivas, de um modo geral não atraem o jovem e quase sempre são rejeitadas por eles. A literatura juvenil deve-se adaptar ao interesse do jovem, oferecer-lhe subsídios à sua imaginação e ao mesmo tempo, aproximá-lo da realidade. Daí a razão por que o professor deve ter conhecimento da psicologia infanto-juvenil. Saber concretamente que razões levam o jovem a sentir prazer na leitura de certos livros e quais os motivos desse prazer.

Assumindo uma atitude crítica, aprofundando o poder de análise, o professor de literatura se sentirá mais seguro e conseqüentemente inspirará mais confiança ao aluno.

Conhecendo as diferenças individuais dos jovens, sabedor de que os interesses variam, ele estará apto, no que diz respeito à escolha dos livros não didáticos, a satisfazer às exigências individuais, tendo condições de orientar a escolha do livro a ser lido, sem por conseguinte, torná-lo obrigatório.

É imprescindível ter ciência de que existe algo de comum entre o nosso gosto e a obra que lemos.

Uma grande parte dos livros escritos para crianças e adolescentes está longe de satisfazê-los. Primeiro no que diz respeito ao vocabulário, que,

na tentativa de uma maior proximidade com o jovem e querendo aparentar simplicidade, os autores tornam a linguagem por demais pueril. Em segundo lugar alguns autores assumem um ar moralizador, dando realce à virtude e castigando o erro, caindo no conceito “o bem será recompensado e o mal será castigado”. O autor corre o risco de apresentar uma falsa idéia da realidade, levando o jovem, a prováveis decepções futuras.

É muito comum encontrarem-se na bibliografia destinada à alunos de primeiro e segundo graus, obras escritas com linguagem rebuscada, tornando o jovem completamente desinteressado. O que o faz se sentir atraído pela obra, é a forma simples e agradável como a mesma é escrita. Isto não significa que o autor deva ser pueril e que use linguagem elementar, mas que use uma linguagem poética e bem trabalhada, quanto à originalidade idiomática. Esquecem os escritores, na maioria das vezes, de investigar o que há de jovem no adulto e o que há de adulto no jovem, como diz Cecília Meireles em seu livro, Problemas da Literatura Infantil, uma vez que, tanto os jovens como adultos, apresentam em seu comportamento, componentes de criança-jovem e adulto.

Se esses pontos fossem melhor analisados, a aceitação por parte do jovem poderia ser mais fácil. Ainda na mesma obra, Cecília Meireles sugere aos autores, que, ao invés de classificar um livro como infantil, como habitualmente se faz, dever-se-ia submetê-lo, não à análise mas ao uso da criança, que, sendo a pessoa diretamente interessada manifestará pela sua preferência, se a leitura a satisfaz ou não

O professor tradicional ditava a bibliografia não-didática para os alunos de primeiro e segundo graus, sem detectarem o interesse ou o pavor que a mesma poderia despertar em seus alunos.

É preciso considerar que, se um lado existem jovens que se encontram na fase infantil dos sonhos, do Mundo das fantasias, por outro lado há os que já adquiriram um nível intelectual mais avançado. Daí surgir a necessidade por parte do professor de Português de ter um MAIOR CONHECIMENTO da realidade de cada um. Evidentemente, que, através da utilização inadequada de material, citaríamos o caso das próprias fichas de leitura, que, quando apresentadas sem a devida motivação, correm o risco de transformar a leitura numa prática totalmente obrigatória e limitada ao ambiente estritamente escolar.

Numa fase de incomunicabilidade que o mundo atravessa hoje, torna-se necessário que se dê uma ênfase toda especial à literatura, vez essa, quando bem orientada, desenvolve o poder do pensamento, da crítica, e propicia obviamente a formação de um humanismo de que o mundo está tão carente.

Para encerrar o nosso trabalho, gostaríamos de citar os versos atribuídos à Barbara Heliodora.

**MENINOS EU VOU DITAR,
AS REGRAS DO BOM VIVER
NÃO BASTA SOMENTE LER,
É PRECISO MEDITAR,
QUE A LIÇÃO NÃO FAZ SABER
QUEM FAZ SÁBIOS É O PENSAR.**

MÁRCIA SILVEIRA RABELO

Cursa o 3º Período do Curso Licenciatura Plena em Letras com opção IN-
GLÊS – UFPB

CERTIFICADO DE COMPETÊNCIA EM INGÊS – 6 estágios 450 horas –
Instituto de Idiomas Yázigi

Profa. de Inglês da 8ª Série do Colégio das Damas – 1981

Profa. A do Instituto de Idiomas Yázigi 1º e 2º estágios YEP 1 e YEP 2 –
1980 – 1981 – 1982

Profa. de Inglês do Centro de Línguas Estrangeiras contratada pelo Estado
– 27/7 a 26/8/81

Profa. do Curso de Conversação YEP 1 e YEP 2 do Instituto de Idiomas
Yázigi

Profa. do Curso de Conversação para Pesquisadores da EMBRAPA

Representante do 3º período do Curso de Letras – UFPB

LITERATURA INFANTIL: NOVAS IMAGENS NO AR

Maria Helena Rabelo Campos

Vejo o convite para participar dessa mesa redonda sobre literatura infanto-juvenil como uma oportunidade para trocar pontos de vista e experiência já que aqui se reúnem, sob a iniciativa do NELL e da Universidade Federal da Paraíba especialistas vindos de todos os cantos de nosso País.

Literatura remete a 'littera' e, conseqüentemente com mais freqüência, a texto impresso, livro. Por sermos uma cultura ligada à escrita tendemos a concentrar o foco de nossos estudos da literatura em geral e de literatura infanto-juvenil em particular, na palavra impressa. Mesmo porque ela é um objeto de muito mais fácil acesso para o estudo e de certa forma contém em si as condições de sua preservação. Pr isso também, do lado oposto, fica a hipótese-certeza de inúmeras produções orais irremediavelmente perdidas.

Pois bem. Vou falar de literatura infanto-juvenil não enquanto texto impresso para ser lido, mas sim enquanto uma forma de produção ficcional envolvendo vários sistemas semióticos: a palavra, a imagem, a música, a teatralização, ou seja, a "literatura" "oferecida" às crianças e jovens pela TV.

Trata-se de um enfoque voltado sobretudo para o problema da recepção, sem é claro nos esquecermos das mútuas implicações entre recepção e produção. Que tipo de texto é proposto ao telespectador infanto-juvenil e como ele reage a suas mensagens? Até que ponto os diversos segmentos de público ficam dentro dos limites teoricamente estabelecidos para as diferentes faixas etárias? Que imagem do real se forma na mente desses receptores? Que novo texto-resposta é produzido a partir da recepção dessas mensagens?

Estas são algumas das questões que podem ser colocadas a respeito da TV, um dado que não podemos ignorar e que interfere profundamente nas codificações culturais, quer a nível da produção, quer da recepção, do público de literatura infanto-juvenil.

É sempre oportuno lembrar que não se trata de condenar ou enaltecêr o mídia, mas simplesmente colocá-lo como um dado a mais no quadro de nossos estudos.

Aproveito o espaço criado por esta mesa-redonda para relatar uma experiência de que pude participar num colégio de Belo Horizonte, o Loyola, sobre a escola, a família e a comunicação de massa. Foi um seminário em dois tempos: o primeiro para pais e o segundo, para professores. Vou-me deter somente no primeiro tempo.

Preocupada com a ambivalência entre a proposta da escola e a dos MCM, a equipe coordenadora do 1º grau fez uma pesquisa entre seus alunos e chegou a dados extremamente ricos para todos aqueles que se interessam por crianças e poucos é pelo tipo de mensagem que lhes tem sido oferecidas por nossa sociedade.

Foram pesquisadas crianças de 3º e 4º séries. Para 618 crianças foram detectados 1.456 aparelhos de TV ou seja 2,35 aparelho disponível para cada uma.

Quanto às preferências temos:

92% filmes e desenhos

60% novelas

56% noticiários

38% vêm Tv nos fins de semana como forma principal de lazer.

Muito bem, conhecida a realidade, os coordenadores propuseram à direção da escola uma série de seminários com os pais, abordando vários assuntos dentre os quais a TV e sua programação dita infantil e a de adultos. Convidada para coordenar os trabalhos propus aos pais um dia em que todos nós assistiríamos à TV, especialmente à programação assistida por nossos filhos. Grupos se revezaram em horários e canais e nós tivemos uma amostragem correspondente a 12 horas-TV (de 10 às 22 horas). Embora o relato de toda experiência não caiba aqui, quero submeter à apreciação de vocês dois itens resultantes da reflexão: o primeiro seria a confusão ficção realidade que se verifica a partir da programação da TV e o segundo, o problema da violência na/da TV.

Uma vez frente a um aparelho, a criança (e por que não o adulto?) fica exposta a diversos tipos de mensagens compreendendo a programação propriamente dita e outros "programas" que se inserem em intervalos estrategicamente determinados. Assim temos desenhos, filmes, novelas, programas esportivos, noticiários, chamadas para outros programas, anúncios, clubinhos infantis, etc.

Frente a essa gama tão variada de conteúdos opera-se, a meu ver, uma mixagem de mundos na mente do jovem espectador. O desenho ou filme talvez se configurem para ele como estória de faz de conta. O que dizer, entretanto, de programas como "Caso Verdade" que procuram desvencilhar-se de seu caráter ficcional, afirmando sua veracidade a partir do próprio título e do testemunho das personagens ou de pessoas a elas ligadas? Que relação se estabelece entre o mundo ideal proposto pelo anúncio acionando nossas expectativas e fantasias e a realidade com que nos de-

frontamos no dia-a-dia? Que dizer do jogador Zico fazendo um gol e do modelo Zico anunciando Coca-Cola? Pelé receitando medicamentos que vão tornar a quem tomá-los tão saudáveis ou bem sucedidos quanto a ele próprio e Pelé fazendo comentários esportivos ou políticos? O ator da novela e o ator do comercial? Qual a diferença entre a guerra apresentada na ficção e a guerra mostrada no noticiário? Enfim, que imagem do real se forma na mente de nossas crianças e jovens a partir dessas mensagens?

Parece-me desenvolver-se um processo de dessensibilização que leva o espectador a assistir a tudo isso da mesma forma, impassível. Eu diria mesmo que a ficção propriamente dita, talvez o envolva mais que a própria realidade por força mesmo de sua peculiaridade estrutural e da dos conteúdos que manipula. Sofre-se mais com as personagens da novela *Sétimo Sentido* que com os libaneses e palestinos mortos no Líbano.

Desloca-se a faixa de participação do espaço social real para o ficcional.

Cabe ainda perguntarmo-nos a quem interessam seres insensíveis, sem discernimento e sem consciência crítica?

O aprofundamento desses aspectos envolve diversos campos de conhecimento tais como a semiótica, a psicologia social e do desenvolvimento, a estética da recepção e a sociologia da comunicação.

Quanto ao segundo aspecto — a violência na/da TV — a primeira associação fica por conta da violência física ou verbal: um soco estalado na cara do bandido, um tiro no índio que foge, olhares fulminantes, palavras ásperas, ameaças veladas ou explícitas. Para não dizer o próprio conteúdo dos programas.

Há, entretanto, dimensões mais profundas. A violência representada pela indução ao consumo, pela manipulação comercial de valores que representam aspirações básicas do ser humano, pelo anúncio de produtos no corpo dos programas — o merchandising —, pela invalidação do consumidor mediante comparações tipo “quem não tem o produto se não está com nada”, etc.

Este aspecto se agrava quando o relacionamos à indistinta penetração da TV nos diversos segmentos sociais, à renda per capita do brasileiro e a seu poder aquisitivo e verificamos que a maioria dos telespectadores não tem acesso aos sedutores produtos anunciados. Estabelece-se então um jogo em que ao mesmo tempo em que se gratifica, se reprime e frustra.

“Versão brasileira AIC — São Paulo” ou “Cine Castro” introduz outro nível de violência: a violência contra a cultura brasileira. Boa parte da programação no horário dito infantil se constitui de produtos importados. Fecha-se aí o espaço para produções locais e mesmo nacionais. A própria “cadeia nacional” já é um atentado à diversidade cultural de nosso País.

Resumindo tudo isto fica a própria existência da TV na forma com que se configura em nossa sociedade: regida pelas pesquisas de audiência, o

que implica um nivelamento por baixo e a insistência em largas faixas de redundância e pelo controle econômico que deixa os MCM à mercê dos grandes anunciantes.

A estes dados soma-se o escasso espaço para a criatividade, a impossibilidade de resposta uma vez que até o momento do riso já vem encartado nos próprios programas.

Isto a nível da fonte emissora. Quanto a fonte receptora, no nosso caso a criança, importa abrir o espaço para uma atitude crítica que permita descobrir o potencial que a TV representa sem, entretanto, fazer da criança um receptor passivo.

É este o tipo de texto que apresento como proposta de estudo para um grupo que se reúne em torno de problemas de literatura infanto-juvenil.

(O discurso do Prof. Celso Pereira foi oral)

CELSO PEREIRA

Animador Cultural da Secretaria de Educação e Cultura de Campina Grande

Diretor Cultural da FACMA (Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira)
Jornalista, Poeta, Professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação